

A escrita da cidade: análises do discurso feminista de Córdoba e de Santa Maria

Autoras: Camilla Machado Cruz; Thágila da Silveira Ribeiro

(Alunas do Curso de Letras/Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola – UFSM)

Orientadora: Dr^a Taís da Silva Martins

(Professora do DLCL, Laboratório CORPUS, PPGL – UFSM.

<<http://coral.ufsm.br/letras/licenciatura/>>)

1. Introdução

Primeiramente, nos cabe ressaltar que este trabalho foi desenvolvido por alunas de graduação do curso de Letras Espanhol e participantes do projeto de pesquisa Língua, política e história, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Além disso, foi desenvolvido sob orientação da Professora Dr^a Taís da Silva Martins, vinculada ao Departamento de Letras Clássicas e Linguística (DLCL), Laboratório Corpus e Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da UFSM.

Neste estudo, pretendemos compreender como o machismo ressoa no discurso feminista urbano expressado nos grafites das cidades de Santa Maria - Brasil¹ e de Córdoba - Argentina², pois acreditamos que a materialidade ideológica se concretiza por meio do discurso. Consideramos assim, que a cidade está preñe de sentidos nas paredes, que constantemente são grafitados por diversos sujeitos. Desta forma, é necessário reconhecer o caráter destrutivo do

¹ Cidade localizada no centro do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. É considerada uma cidade universitária, além de ser politicamente ativista em relação ao feminismo. Conta com os coletivos *Unas*, *Voe* e *Marias da Silva*. Além disso, o movimento feminista promove periodicamente a *Marcha das Vadias*.

² Cidade localizada no centro da província de Córdoba, na Argentina. Também é considerada uma cidade universitária e de intensa mobilização política de caráter feminista, segundo os manifestos do Fórum de Política Feminista de Córdoba. Conta com coletivos como *Siempre Vivas* e *Asamblea de Mujeres Yerbabuena*, além de aderir ao movimento coletivo *Ni una Menos*, que é articulado contra o feminicídio e promove a *Marcha Ni Una Menos*.

machismo para combatê-lo, pois conformar-se com ele é admitir que a mulher seja submissa à violência machista e às posições de inferioridade social e condições de opressão.

Analisamos uma das materialidades discursivas produzidas pelo sujeito feminista, que por sua vez ocupa um espaço em seu grupo social e procura expor um discurso comum nos espaços públicos atuando contra o machismo. Destacamos que o sentido do termo machismo utilizado está baseado na ideologia do sistema que socializa o homem para dominar a mulher, a qual existe para se submeter ao “poder do macho” (SANTOS, 2014). Enquanto que o conceito de feminismo está relacionado à busca pela igualdade entre homens e mulheres, assim como uma luta por direitos iguais e não um sistema de dominação (AVERBUCK, 2013).

Compreendemos que a escrita urbana da sociedade suscita nos sujeitos a necessidade de grafitar (ORLANDI, 2003). Sendo assim, o sujeito procura uma forma de expressão abrangente ao escrever nas paredes da cidade e tenta fazer algum sentido culturalmente significativo. Sabemos que a partir do ponto de vista social brasileiro, se considera grafite apenas o texto imagético, enquanto que pichação se considera o texto escrito, ou até mesmo o texto codificado e específico de sujeitos periféricos que se identificam com a marginalidade do discurso da pichação³ (OLIVEIRA, 2009). Porém em nossas análises, definimos o grafite teoricamente qualquer manifestação de grafismo, seja escrito ou imagético, em consonância com o conceito vinculado à Análise de Discurso (AD), que conceitua o grafite como a designação do que se encontra escrito ou gravado nas paredes da cidade e nos monumentos desde a época antiga (ORLANDI, 2003).

Ao grafitar, o cidadão estabelece um diálogo com a urbe, busca compreender o que a cidade fala, e em contrapartida, reverberar o que ela tem para dizer (SILVA, 2004). Sendo assim, o sujeito expressa e significa em relação ao convívio urbano e a ele mesmo, a fim de fugir da exclusão social que faz com que muitas vezes não seja ouvido, nesse caso, o sujeito busca exprimir uma ideologia de caráter feminista.

³ O grafite surgiu em Nova York na década de 70 e possui uma escrita artística e visualmente colorida característica, formada muitas vezes por desenhos, e não somente por letras. Em oposição, a pichação se refere à escrita que não busca um fim artístico, mas possui traços específicos que identificam a representação de sujeitos provenientes de determinados grupos da sociedade (OLIVEIRA, 2009).

Desta forma, recortamos para nossas análises imagens de grafites presentes nos muros/paredes das cidades de Córdoba e Santa Maria e observamos as semelhanças dos discursos feministas presentes nas vozes anônimas que se manifestam em uma luta contra o machismo nestas cidades latino-americanas por meio do grafite, desta “escrita-símbolo” da cidade, deste intento de resistir e de fazer sentido. Para tanto, refletimos sobre como a cidade, que é o acontecimento social da atualidade, representa o discurso feminista contra o machismo em um processo simbólico.

Inicialmente, fotografamos alguns grafites para compor o arquivo de nossas análises, que desde o nosso primeiro gesto de interpretação, apresentam um discurso feminista em oposição à opressão dos homens sobre as mulheres na sociedade. Assim, constituímos um arquivo de 19 fotografias no total e, em seguida, para organizarmos o corpus deste trabalho recortamos três imagens pertencentes ao acervo de cada cidade. Destacamos que o corpus de nossas análises está composto, desta forma, de grafites que expressam uma possível manifestação de sujeitos feministas, nos discursos inscritos na cidade.

Em um segundo momento, analisamos o teor de protesto contra a violência e opressão proveniente do machismo nos discursos feministas de espaços públicos, assim como verificamos as possíveis mobilizações do interdiscurso dos grafites. Destacamos que o corpus foi selecionado a partir da análise dos discursos feministas grafitados em espaços públicos e que foram ocasionados por meio da memória, que: “(...) pensada discursivamente, refere-se ao saber discursivo, ao fato de que todo dizer se produz sobre um já-dito” (ORLANDI, 2003, p. 14). Por conseguinte, reconhecemos o feminismo como um objeto de estudo importante para a análise discursiva, pois produz diversos efeitos de sentidos acerca da mulher.

Observamos a mobilização do interdiscurso, ou seja, da memória da cidade, que faz com que as palavras signifiquem e façam sentido para serem interpretadas a partir de um saber discursivo prévio. Conceituamos o interdiscurso como todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos (ORLANDI, 2001). Neste caso, o interdiscurso inscrito diz respeito à ideologia arraigada de que “é um dever da mulher se submeter ao homem”.

Os discursos das pichações de Córdoba e Santa Maria foram relacionados com o referencial teórico feminista da escritora e filósofa feminista francesa Simone de Beauvoir (1980), pois acreditamos que sua contribuição para o feminismo atingiu um nível mundial de expressão a partir da obra *O segundo sexo*, análise da opressão sofrida pelas mulheres, a qual utilizamos como ponto de partida para estudar a temática. Também nos debruçamos sobre as pesquisas da filósofa brasileira Marilena Chauí (1995), a fim de refletir sobre a significação da mulher na sociedade latino-americana atual, e da escritora e ativista feminista brasileira Clara Averbuck (2015), que aborda questões do feminismo contemporâneo no Brasil.

No que tange à aspectos da Análise de Discurso (AD), a pesquisadora brasileira Eni Orlandi (1996), introdutora da Análise de Discurso no Brasil, é o principal expoente considerado nestas análises, pois seus estudos nortearam as reflexões feministas abordadas em consonância com o discurso da cidade, e sobre a maneira como o sujeito feminista significa na mesma. Assim como os efeitos de sentido produzidos sobre a mulher na urbe.

De outra forma, as pesquisas do sociólogo brasileiro Luciano Spinelli (2007), e da socióloga e feminista brasileira Heleieth Saffioti (1987), foram fundamentais para a compreensão das questões principais acerca do grafite no âmbito urbano atual, e especificamente como forma de expressão no Brasil.

Acreditamos que a sociedade se expressa também pelas paredes da cidade, pois o espaço público tem muito a dizer através de vozes marginalizadas e anônimas, que insistem diariamente em expor seus ideais nos muros. Se sabe que habitar a cidade é estar em contato com discursos urbanos que produzem sentidos sobre os sujeitos constantemente, e modificam os discursos que permeiam os grupos sociais. Pois somente prestando atenção no que a cidade diz, se pode compreender os sentidos que cercam os sujeitos que vivem na urbe.

2. Pichação: a expressão dos muros santa-marienses e cordobeses

Neste trabalho, a pichação é vista como a integração arbitrária de um signo à linguagem urbana caracterizada como letras ou assinaturas de caráter monocromático, feitas com spray ou rolo de pintura que se difundiu no Brasil a partir da cidade de São Paulo em um primeiro momento (SPINELLI, 2007).

Desta forma, no ato de pichar as relações sociais são ressignificadas, pois “o espaço público é o espaço de convivência social politicamente significada dos sujeitos da cidade” (ORLANDI, 2004, p. 96). Por isso, pichar é um indício contemporâneo manifestado pela insistência de se fazer visível, e por sua vez desencadeia um movimento de consciência que atravessa toda a população segregada e parte de um grupo proveniente da exclusão social com interesses comuns, buscando explicitar determinadas mensagens por meio da produção de sentidos que por consequência inferem na cidade, assim como nas formas de relações e na cidadania.

O grafite feito por sujeitos feministas caracteriza um grupo que propõe esta forma de expressão de luta contra a violência que oprime as mulheres, significando com um novo olhar o espaço urbano em que habitam e se identificam. Segundo Lara:

Para identificar uma pichação coloca-se ao lado dela uma indicação pessoal ou do grupo que a realizou. Uma pichação é, portanto, rodeada de comentários que indicam sua procedência, as pessoas que a realizaram, se foram convidadas ou participam do grupo. (LARA, 1996, p.51).

O ato de pichar é uma intervenção urbana que tem como finalidades múltiplas do aglomerado urbano: um reconhecimento social de “existir”, um grito de protesto, uma identificação com um grupo social de interesses comuns, uma denúncia ao abandono e à falta de vigilância, a construção da paisagem urbana, uma atitude de rebeldia frente às autoridades (já que consta na lei como um crime), um ato de vandalismo e uma tentativa de “marcar território”. Logo, é necessário perceber a cidade não somente como um espaço físico, mas também linguístico, e que está constantemente sobrecarregado de sentidos (STEFANIU, 2016).

O fato de a pichação, diferentemente do grafite propriamente dito, não ser uma prática legal promove discursos marginalizados. É comum ver esses discursos nas ruas da cidade, que se manifestam como pretensões de vozes antes invisíveis. O lugar da mulher em espaços públicos e

privados é marcado, em sua maioria, por formas variadas de dominação (PINTO, 2003). Por esses motivos, recorreremos a três imagens de pichações feministas de Córdoba e três de Santa Maria.

3. Algumas análises

Pensamos que o sujeito urbano produz sentidos na cidade e estabelece uma realidade estruturada de acordo com a forma que esse espaço que é capaz de afetá-lo, reverberando os sentidos do espaço urbano (ORLANDI, 2001). Para compreender como esses discursos significam, nos atemos às pichações de duas cidades latino-americanas. Neste sentido, as imagens que seguem são de fotografias das pichações do centro de Córdoba:



Figura 01: “Vivas, livres, sem medo!”

Fonte: Calle 9 de julio (15/03/2017) - Foto de Camilla Cruz.

Na figura 01, observamos dois recortes: o recorte 1 é o enunciado “vivas, libres, sin miedo!”, enquanto o recorte 2 compreende a imagem que remete à uma vulva. Acreditamos que o analista deve se preocupar com a forma que o discurso produz sentido. A partir deste ponto de

vista, ressaltamos a importância das condições de produção ao investigar o corpus analisado, pois:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista do discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer do texto, também fazem parte dele. (ORLANDI, 2001, p. 30)

Neste caso, pensamos que o sujeito feminista desta imagem remete à um sujeito “dependente”, por ser destituído de liberdade para pensar, querer, sentir e agir autonomamente. Este sujeito manifesta o desejo de que as mulheres estejam vivas, porque pode ser que estejam morrendo em decorrência do machismo. Assim como, se precisam de liberdade, devem estar presas pelo condicionamento machista, e se sentem medo, é porque não se sentem em condições de dignidade. Portanto, buscam coragem para enfrentar o machismo na sociedade atual, e neste sentido a cidade é o local em que o discurso feminista se manifesta.

Esse sentido sobre a mulher está naturalizado na sociedade, a mulher é dependente por ser considerada um objeto à disposição do homem. Sobre a contestação desta realidade da mulher, conforme De Beauvoir:

Ela sendo também um ser existente, sente a necessidade de sobrepujar e seu intento não é repetição, mas transcende em direção a um futuro diferente – em seu íntimo ela encontra a confirmação das pretensões masculinas. Ela acompanha os homens nos festivais que celebram o sucesso e as vitórias masculinas. Sua infelicidade é ter sido biologicamente destinada para a procriação da Vida, quando mesmo em sua própria visão da Vida, não leva em si as razões de existência, razões que são mais importantes que a vida em si (DE BEAUVOIR, 2014, p.52).

Desta forma, no discurso presente neste grafite ressoa uma revolta do sujeito feminista que se sente vítima mortal, mas ao mesmo tempo se opõe ao medo da violência e da violação do

corpo que ocorre em decorrência do machismo, como está representado no recorte 2 pelo desenho em forma de vulva, identificando assim a ideologia feminista fundamentada no sujeito que suplica por vida e liberdade, que já não suporta temer o machismo e suas consequências brutais.

A característica de submissão é imposta socialmente à mulher por meio da memória que a sociedade perpetua. Por isso, nesta primeira imagem o sujeito feminista procura estar livre dos sentidos que remetem à mulher como inferior e vítima, sentidos estes mobilizados pelo interdiscurso, a memória discursiva que retoma o discurso e afeta a forma de significação do sujeito (ORLANDI, 2001). Desta forma, o sujeito feminista expressa a aspiração de estar vivo e viver sem medo do machismo, porque a violência e as mortes ocasionadas por esta ideologia são bastante recorrentes em mulheres. A luta para desconstruir esse caráter alarmante do machismo está representada nestes dois recortes como uma ressignificação, uma tentativa de subversão do papel feminino. Então, a mulher não visa submissão, mas sim valor como ser humano, que precisa de direitos iguais àqueles que são dados aos homens.



Figura 2 – “Mulher, a(r)ma-te”

Fonte: Avenida Vélez Sarsfield (15/03/2017) - Foto de Camilla Cruz.

Por sua vez, na figura 2, discorreremos sobre outros dois recortes: o primeiro é o enunciado “mujer, a(r)mate” e o segundo é a figura que remete à uma granada em formato de coração.

No recorte 1, interpretamos que a mulher precisa se “amar”, e por isso se “armar” contra a imposição do machismo na sociedade. Por isso, o sujeito pichador recomenda à mulher que se arme, em um discurso imperativo de sugestão feminista, que propõe um conselho para as mulheres se defenderem da esmagadora realidade machista, amando a si mesmas e se armando contra o machismo, como está colocado nos parênteses que refletem a ambiguidade do enunciado: “armáte” (forma imperativa do verbo armar) e “amáte” (forma imperativa do verbo amar).

Para tanto, no recorte 2 o sujeito feminista encontra no ato de grafitar um meio de expressar sua opinião em relação à sua situação, seja buscando liberdade ou procurando responder à esta imposição através do grafite, desta maneira, a granada seria o armamento bélico que causaria uma explosão na luta feminista. A arma em formato de coração pode significar a proposição sentimental da luta, ou seja, o motivo real da batalha é subjetivo neste sentido, pois as emoções se encontrariam no coração do sujeito.



Figura 3 – “Nem vítimas, nem passivas, feministas, combativas. ”

Fonte: Avenida Vélez Sarsfield (15/03/2017) - Foto de Camilla Cruz.

Em contraponto, na figura 3 não se aceita a condição de passividade e se faz presente uma posição a favor de um combate. A partir desta imagem se pode pensar que esse grafite faz referência a violência que as mulheres sofrem por parte dos homens, concebida como machismo.

Esta concepção de violência contra a mulher está relacionada, de acordo com Chauí, de uma ideologia que define a condição “feminina” como inferior à condição “masculina”.

As diferenças entre o feminino e o masculino são transformadas em desigualdades hierárquicas através de discursos masculinos sobre a mulher, os quais incidem especificamente sobre o corpo feminino. Conforme Chauí:

Ao considerá-los discursos masculinos, o que queremos simplesmente notar é que se trata de um discurso que não só fala de “fora” sobre as mulheres, mas sobretudo que se trata de uma fala cuja condição de possibilidade é o silêncio das mulheres (CHAUÍ, 1995, p. 49).

Na figura 3, a vitimização e a passividade feminina são trocadas pela resistência do feminismo que busca combater a repressão machista que submete a mulher à diversas situações de violência.

Sendo a cidade um espaço social politicamente dividido, onde o público está rarefeito, isto se manifesta na linguagem que este espaço suporta (ORLANDI, 2003). Ou seja, a denúncia se faz presente na gravação gráfica do espaço público urbano.

Por outra parte, as imagens a seguir são fotografias das pichações da cidade de Santa Maria:



Figura 4 – “Machismo mata”

Fonte: Casa do Estudante Universitário, Universidade Federal De Santa Maria; Camobi (16/04/2017) - Foto de Thágila Ribeiro.

Conforme exposto na figura 4, a atitude de pichar é proveniente da tentativa de explicitar publicamente a vontade da mulher de se libertar, de utilizar sua força contra o machismo e de se opor ao teor do mesmo, que é tão significativamente perigoso a ponto de ocasionar mortes e trazer medo.

Verificamos dois recortes nesta imagem: o recorte 1 é o enunciado “machismo mata” que faz referência à violência machista, e o recorte 2 é a figura de uma mulher no chão sendo esmagada pelo machismo, representado pelo símbolo do planeta marte, que por sua vez identifica o masculino que domina o sujeito mulher.



Figura 5 – “Vulva a revolução!”

Fonte: Rua Tiradentes (16/04/2017) - Foto de Thágila Ribeiro.

Por sua vez, a figura 5 traz a ideia de que a vulva é a revolução, pois se troca a palavra “viva” por “vulva”, em um jogo que possui a finalidade de demonstrar o caráter libertador feminista em evidência. A força feminina prevalece no enunciado, pois expõe a ideia de que a revolução ocorrerá pelo feminismo e através do sujeito feminista.



Figura 6 – “Mulher contra a violência”

Fonte: Rua Venâncio Aires (16/04/2017) - Foto de Thágila Ribeiro.

A posição do sujeito ao defender-se contra a realidade machista cruel e socialmente consentida e ao ter voz para se expor contra a violência está marcada na figura 6. O sujeito feminista resiste ao posicionar-se contra a violência sofrida pela mulher.

Por outro lado, embora concebendo a mulher como vítima, ela pode ser considerada submetida à esta relação desigual de poder com os homens. Sendo assim, as mulheres se sujeitam à violência não porque consentam, pelo contrário, elas são forçadas a ceder porque não têm poder suficiente para consentir.

Neste viés, a violência contra a mulher resulta da socialização machista, de acordo com a condição masculina:

Dada sua formação de *macho*, o homem julga-se no direito de espancar sua mulher. Esta, educada que foi para submeter-se aos desejos masculinos, toma este “destino” como *natural* (SAFFIOTI, 1987, p. 50).

Finalmente, sendo a cidade identificada pelo imaginário urbano, percebemos estas pichações como sinais de uma ideologia que pretende identificar-se como feminista para deslegitimar socialmente o poder do homem condicionado sobre a mulher, poder cuja essência propõe a violência como forma de controlá-la. Ao compreender a cidade como um espaço de

interpretação, se pode perceber a vontade de libertação feminista que está sendo expressada no espaço público, onde todos habitam e transitam.

4. Considerações finais

Por fim, com esta pesquisa enfatizamos a importância da reflexão sobre o discurso feminista da cidade que se faz presente nos grafites em forma de denúncia social de um determinado grupo. A escrita tem como finalidade institucionalizar a linguagem para promover a individualização do sujeito a partir de suas formas de identificação (ORLANDI, 2003). Por isso, os muros do espaço público expõem uma ideologia feminista dos discursos que incidem no cotidiano da cidade, buscando propagar a resistência do movimento feminista diante do machismo imposto socialmente.

Portanto, pensamos a relação discursiva da cidade como local simbólico, no espaço em que estes sujeitos se significam politicamente e especificamente no espaço público urbano. É necessário prestar atenção ao processo de reconhecer a pichação feminista como uma forma de expressão contemporânea da cidade que possui uma importante função social que não pode ser ignorada, pois está inscrita em nossas próprias convivências, enquanto o machismo explora, fere, difama e mata mulheres. Destacamos que o grafite feminista é uma voz que está cotidianamente querendo ser ouvida, está invadindo nossa visão para ser compreendida, como um apelo ao que não visibilizamos.

Afinal, pensar o processo de formulação e organização de efeitos de sentido pode revitalizar as relações sociais, por isso interpretar as imagens pelo entremeio da memória e das condições de produção possibilita visibilizar o espaço da mulher na sociedade. As pichações são a escrita urbana e suas formas denunciam os modos de existência dos sujeitos e das relações sociais que aí se praticam (ORLANDI, 2012). Desta forma, a identificação do sujeito se dá pela formação discursiva que se repete e termina por naturalizar a condição da mulher, por isso não

refletir sobre essas relações propõe a permanência desses sentidos relacionados à inferioridade e vulnerabilidade da mesma frente ao homem.

Referências

- AVERBUCK, Clara. Feminismo para leigos. *Carta Capital*. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/feminismo-para-leigos-3523.html>> Acesso em: 13 jun. 2017.
- CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. *Perspectivas antropológicas da mulher*, v. 4, Rio de Janeiro, 1985, p. 23-62.
- DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- LARA, Arthur Hunold. *Grafite arte urbana em movimento*. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MANO, Maíra Kubíck. Pichação, a marca da desigualdade social. *Le Monde Diplomatique*. 2009. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/pichacao-a-marca-da-desigualdade-social/>> Acesso em: 5 set. 2017.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001. _____. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004. _____. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012. _____. *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas: Pontes, 2003. _____. *Análise de Discurso: princípios de procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.
- PINTO, Céli Regina J. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: José Olympio, 2003.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do macho*. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SANTOS, Cecília MacDowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. *Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, n. 1, Tel Aviv, 2014, v. 16, p. 147-164.

SILVA, Rodrigo Lages. Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite. *Psicologia: ciência e profissão*, 2004, v. 24, n. 4, p. 2-11.

SPINELLI, Luciano. Pichação e comunicação: um código sem regra. *Logos*, v. 14, n. 1. 2007, p. 111-121.

STEFANIU, Luciana Fracasse; RAIMU, Luciana C. Ferreira Dias Di. O espaço urbano, o grafite e a identidade do sujeito catador. *Revista RUA*, n. 22, Campinas, 2016, p. 18-32.